

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A COMIDA DA INFÂNCIA PARA IDOSOS: um olhar sobre o passado e o presente
SOCIAL REPRESENTATIONS ON FOOD FROM CHILDHOOD TO THE ELDERLY: the look on the past and the present

Aline Liz Faria¹, Alexandra Magna Rodrigues², Marluce Auxiliadora Glaus Leão³, Edna Maria Querido de Oliveira Chamon⁴

¹ Nutricionista, especialista em Nutrição Clínica e tratamento multidisciplinar da Obesidade e Mestre em Desenvolvimento Humano - Universidade de Taubaté (UNITAU) - lizfaria1@hotmail.com

² Doutora em Ciências - UNITAU

³ Doutora em Ciências Biomédicas - UNITAU

⁴ Doutora em Psicologia - UNITAU

Recebido em 14 de Novembro de 2018; Aceito em 03 de Dezembro de 2018.

Resumo

O objetivo deste estudo foi identificar as representações sociais de idosos sobre a comida da infância. Trata-se de uma pesquisa exploratória e de abordagem qualitativa. Utilizou-se no percurso metodológico, entrevistas narrativas de vida com um roteiro pré-estabelecido. Os dados foram tratados por meio da análise de conteúdo. Com a análise de dados, foi discutida a simbologia da comida e o conteúdo que está em torno dela, como hábitos, normas, valores e atitudes. Participaram desta pesquisa nove idosos entre 61 e 80 anos de idade, participantes de um projeto de extensão universitária na região do Vale do Paraíba Paulista/SP. Observou-se que as relações sociais, aumento do consumo e os eventos à mesa sofreram alterações entre o passado e o presente. Porém, as representações sociais sobre a comida da infância presentes na memória dos idosos estavam relacionadas à afetividade e a relações, festividades e lembranças a ela relacionada. Para estes idosos a afetividade se configura de várias formas, como o prazer da ingestão da comida, de receber alguém ou ser recebido com a comida ao redor, e o sentido de demonstrar o afeto nas relações sociais. Ao mesmo tempo em que os idosos constataram as modificações da sociedade no que diz respeito ao comer e demais conteúdos que o cercam, as representações sociais da comida da infância são permeadas de simbolismos e afetividade próprios desse objeto de estudo.

Palavras-chave: Representações Sociais, envelhecimento, comida de infância, narrativas de vida.

Abstract

The objective of this study was to identify the social representations of the elderly about the food from childhood. It is an exploratory and qualitative approach. Interviews of life with a pre-established script were used in the methodological route. The data were treated by content analysis. With data analysis, the symbology of food and the content that was around it, such as habits, norms, values and attitudes, were discussed. Nine elderly individuals between 61 and 80 years of age participated in a university extension project in the Vale do Paraíba Paulista / SP region. It was observed that social relations, increased consumption and events at the table suffered changes between the past and the present. However, the social representations about childhood food present in the memory of the elderly were related to the affectivity and related relationships, festivities and memories. For these elderly people the affectivity is configured in several ways, such as the pleasure of eating food, receiving someone or being received with food around, and the sense of showing affection in social relationships. At the same time that the elderly have noticed the changes in society in regard to eating and other contents that surround it, the social representations of childhood food are permeated with symbolism and affectivity proper to this object of study.

Keywords: Social representations, aging, childhood food, life narratives.

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo aqui apresentado é a comida, que segundo o autor Damatta (1987, p.22) considera: “substância nutritiva é alimento, mas [...] nem todo alimento é comida”; o autor faz uma diferenciação entre estes objetos e argumenta que a comida é o alimento permeado pela cultura. Assim, esta discussão inicia-se a partir do conceito de Damatta (1987), sobre um tempo de vida específico, a infância de idosos.

O grupo social deste estudo foi constituído de idosos, que segundo a Organização Mundial da Saúde OMS (2005) são os sujeitos que apresentam idade maior ou igual a 60 anos para aqueles que vivem em países em desenvolvimento, como o caso do Brasil, e a velhice como processo de um ciclo da vida. (PAPALÉO NETTO, 2013)

Para o suporte teórico deste estudo utilizou-se da Teoria das Representações Sociais (RS) que segundo Moscovici (2012, p. 28): “[...] é um corpo organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam a realidade física e social inteligível [...]”. Em alusão à Moscovici, a autora Jovchelovich (2007, p. 87) considera que as Representações Sociais:

[...] se referem tanto a uma teoria como a um fenômeno. Elas são uma teoria que oferece um conjunto de conceitos articulados que buscam explicar como os saberes sociais são produzidos e transformados em processos de comunicação e interação social. Elas são um fenômeno que se refere a um conjunto de regularidades empíricas compreendendo as idéias¹, os valores e as práticas de comunidades humanas sobre objetos sociais específicos, bem como sobre os processos sociais e comunicativos que os produzem e reproduzem.

Dialogar sobre a comida e as RS que a envolvem torna-se possível, uma vez que, a comida está além de suas funções biológicas, dada à sua importância no contexto social sob o qual está sujeita às influências e são influenciadoras também (SANTOS, 2008). Para o mesmo autor:

[...] comer é um ato social, pois se constitui de atitudes, ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações. Nenhum alimento que entra em nossas bocas é neutro. A historicidade [...] é explicada pelas manifestações culturais sociais, como espelho de uma época [...] (SANTOS, 2008, p.11-12).

Santos (2008) refere-se à comida como um protagonista, que pode exprimir a cultura em manifestações sociais e que este movimento não está ausente de sentidos e/ou significados. Nesta mesma vertente Amon (2014) argumenta que a comida pode exercer uma ação comunicativa, revelando contextos e histórias em relação ao grupo social investigado. Outro ponto que a mesma autora aborda é o lado afetivo da comida como expressão de valores sociais, sendo fator de consolidação nas relações sociais humanas, uma vez que ingerimos alimentos permeados de significados.

O Guia Alimentar da População Brasileira (2014) justifica o ato de comer junto como forma de estreitar as relações.

Seres humanos são seres sociais e o hábito de comer [...] está impregnado em nossa história, assim como a divisão da responsabilidade por encontrar ou adquirir, preparar e cozinhar alimentos. Com-

1 Foi mantida a escrita original do texto.

partilhar o comer e as atividades envolvidas neste ato é um modo simples e profundo de criar e desenvolver relações entre pessoas. Dessa forma, comer é parte natural da vida social (BRASIL, 2014).

Logo, a comida, ao estreitar relações entre os indivíduos, também é discutida como uma expressão de pertencimento a um grupo social. Assim, ao discutir a comida na infância dos idosos aqui estudados, o estudo explora o que está em torno dela, como hábitos, normas, valores e atitudes de uma sociedade que vem se transformando ao longo do tempo. Mostra-se também quais eram estes conteúdos que estavam inseridos no contexto da infância e no que se transformaram a partir das suas próprias opiniões.

A partir destas reflexões pretende-se identificar nas memórias dos idosos, o papel da comida na infância e as RS presentes neste contexto, uma vez que esta “teoria [...] valoriza os saberes do senso comum [...]” (AMON, 2014, p. 84). Portanto, o objetivo desse estudo foi identificar as RS sobre a comida da infância para idosos.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa exploratória e de abordagem qualitativa. Optou-se no percurso metodológico utilizar entrevistas narrativas, que segundo Chizzotti (2008), permite coletar informações sobre a vida pessoal e experiências vividas pelo indivíduo.

Este estudo foi realizado num programa de extensão universitária em uma Universidade localizada no Vale do Paraíba Paulista- SP. O grupo social estudado foram idosos entre idade de 60 a 81 anos. Utilizou-se uma amostra por conveniência. Para a seleção dos participantes, foram estabelecidos critérios de inclusão para a formação do grupo, como: idosos que viveram na região do Vale do Paraíba Paulista durante a infância, e que possuíam interesse nas questões relacionadas à comida e cultura regional. A amostra foi constituída por nove idosos.

Foi utilizado nas entrevistas narrativas, um roteiro pré-estabelecido. A aplicação deste instrumento não ocorreu de forma rígida, proporcionando ao idoso um ambiente acolhedor para a coleta de dados.

Os conteúdos das entrevistas narrativas foram transcritos e revisados. O método de análise de dados deste estudo baseou-se no referencial teórico analítico proposto por Bardin denominado Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). O método Análise de Conteúdo possui três fases, são estas: I Fase de pré-exploração do material com leituras preliminares, II fase, seleção das unidades de análise, retirando vícios de linguagem, e redundâncias verbais (CAMPOS, 2004). A fase III processo de categorização: definida como uma operação de classificação de elementos constitutivos de um gênero. (CAMPOS, 2004). Para a auxiliar nas análises das entrevistas utilizou-se o *software* ALCESTE.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo nove idosos de 61 a 80 anos. A análise das narrativas resultou em três categorias. A primeira delas foi referente às transformações sociais que aconteceram da infância aos dias atuais. A segunda diz respeito aos eventos, festividades e as relações sociais que envolviam a comida na infância. A terceira categoria trata do afeto, característica própria das RS.

Transformações sociais

As transformações dos processos sociais são verificadas não somente com a comida, mas entre os sujeitos de um grupo social. Para a idosa de (61 anos)² as relações sociais do passado eram valorizadas pelo sentido de união e convivência entre as pessoas, rodeadas ou não à mesa. Assim, o sentido de união entre as pessoas num evento festivo ou simplesmente ao redor de uma mesa de almoço de domingo possuía o simbolismo de estreitar laços entre os indivíduos, o que nos tempos atuais pode ser caracterizado como obrigações ou até mesmo infortúnio. O sentido das relações sociais do passado é visto pela fala a seguir:

Quando íamos pra São Luís³ era uma viagem no caminhão de pau de arara, ia todo mundo sentado naqueles bancos de madeira do caminhão tudo aberto, era boa a viagem, mas sacrificada, era muito bom. Era essa a nossa diversão, parece que não tinha tanto problema, não tinha nada, não pensava em nada, brincava no dia a dia e era tudo bem, não se tinha luxo, não se tinha dinheiro, mas se tinha saúde, alegria, e companhia. **(Idosa 61 anos).**

Estas obrigações sociais em relação ao consumo no presente podem ser vistas no discurso a seguir.

E hoje não tem mais, você sai por obrigação, as coisas se tornaram assim, não tem mais prazer, é obrigação. Por exemplo, como você vai a uma festa de aniversário sem dar presente pra fulano, imagina? Tem de dar! Assim, [...] não é mais a mesma coisa. **(Idosa 63 anos).**

Para a idosa de 63 anos, estas modificações estão intimamente ligadas ao consumo de produtos, a obrigatoriedade de selar a união das pessoas através de um objeto de consumo.

Ao discutir o consumo, uma característica da sociedade contemporânea, Bauman (2009, p. 7) traz o conceito da modernidade líquida, afirmando ser: “[...] uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir”. Para o autor o “[...] consumo tem por premissa satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pôde realizar ou sonhar” (BAUMAN, 2009, p. 105). Assim, toda a atividade de consumo torna-se cada vez mais presente na sociedade atual, concentrando nesta ação ampliar prazeres, dado como uma atividade estritamente individual, o que influencia as relações entre indivíduos.

Eventos, festividades e as relações sociais

Outro item observado nas entrevistas narrativas foi a discussão em relação aos eventos festivos. A idosa (65 anos) demonstra o sentido simbólico deste evento no passado, quando as relações sociais em torno da mesa eram permeadas pelo sentido de comer junto:

[...] nos aniversários quando eu era criança não tinha dinheiro pra fazer bolo, [...] então minha mãe fazia um doce de mamão com os mamões que sempre tinha no quintal que meu pai plantava, aí a espera do aniversário era doce o de mamão, até os vizinhos esperavam o aniversário de alguém pra dar uma chegada lá em casa sabe, era só pra nós, mas aí chegava alguém e “ah eu senti cheirinho de doce de mamão, a senhora tá fazendo dona Sandra”? **(Idosa 65 anos).**

2 Os idosos foram identificados por sexo e idade

3 Município de São Luís do Paraitinga, localizado na região do Vale do Paraíba Paulista.

Para esta participante, o simbolismo do aniversário se traduzia na expectativa de todos pelo doce de mamão e que toda a vizinhança partilhava deste momento. Observa-se aqui a comensalidade unindo as pessoas e estreitando as relações não apenas do núcleo familiar, mas estendendo-se para os grupos mais próximos como os vizinhos, valorizando as relações pelo seu sentido afetivo em torno da comida.

Em contraponto ao sentido simbólico que *a idosa (65 anos)* demonstra nos aniversários da infância, *a participante (68 anos)* demonstra o incentivo do consumo, em relação ao mesmo evento festivo (aniversários) no presente.

Os aniversários eram bons, minha mãe sempre fez os nossos aniversários, sempre! Tinha um bolo, um monte de bexiga, um monte de criança, porque era um aniversário para mim e para minha irmã porque eu sou de dezembro e ela de janeiro. Já os meus sobrinhos eles não têm isso, não fazem aniversário. As tias do lado do pai deles não fazem isso, elas dão dinheiro no aniversário elas dão R\$ 500,00, R\$ 700,00 [...] pra cada [...] então eles ganham dinheiro e eu não dou claro, eu dou os meus negocinhos [...] e eles gostam (***Idosa, 68 anos***).

Ao que tudo indica, as mudanças atuais não refletem para a participante acima em atitude do consumo como prática social. Para a idosa, não há uma carga simbólica em dar dinheiro a uma criança, os laços não se estreitam nesta atitude.

Em tempos atuais, observa-se o distanciamento dos indivíduos em relação ao preparo do alimento, as perdas do convívio social, automaticamente deixando um vazio simbólico nas relações que envolvem a comida. Nota-se que as RS sobre o comer junto em família permanecem, mas não em qualquer situação. O exemplo abaixo citado pela *idosa de 61 anos* confere o sentido do comer junto quando realizada no lar, com a comida preparada por ela ou por aqueles que estão em sua volta. O sentido de comer junto no passado é assim retratado:

Ah, era gostoso, na época da minha avó, da minha mãe [...] chegava dia de domingo, mesmo depois de casada, [...] a gente ia pra casa da minha mãe, e daí cada um levava uma coisa para o almoço, e comíamos juntos. À tarde minha mãe fazia pastel, a gente levava pizza pra assar, então ficava aquela tarde inteira, os netos, era gostoso, todo mundo brincando, as irmãs todas juntas [...]. (***Idosa 61 anos***).

Entretanto, na visão do presente, observa-se a tonalidade da mudança de sentido deste fenômeno.

Agora está tudo esparramado, meu filho também não é de se unir assim [...]. Não tem esse negócio dele vir com a minha nora, minha neta, almoçar em casa que nem a gente ia almoçar na casa da mãe da gente, e eu também não vou, porque eu também acho chato, ela trabalha, ele trabalha, aí eu penso assim, chega dia de domingo, eles querem estar juntos, querem descansar, querem sair juntos, e eu vou lá? Então eu também não vou, ela fala: "Vem aqui almoçar, a gente sai, vai almoçar fora." Aí eu não vou, eu acho chato, eu não sou disso, sabe, então vão se acabando as coisas (***Idosa, 61 anos***).

Uma prática comum aos dias atuais é o comer fora, mesmo que esta situação seja feita com seu núcleo familiar, o que para esta idosa é um desconforto, não reconhece esta ação no seu sentido simbólico de união. Neste momento, cabe discutir dois pontos na citação acima, como o distanciamento entre os sujeitos nos tempos atuais e o valor simbólico vazio que *a idosa* atribuiu à ação "almoçar fora". Para apreender esta ques-

tão, faz-se pertinente recorrer à teoria do sociólogo francês Poulain (2004) e sua discussão sobre os valores em torno da mesa. Segundo o autor, para compreender as transformações ou movimentos à mesa é fundamental entender as oscilações da sociedade que estão em torno destas transformações, como a questão da industrialização dos alimentos em contraponto ao menor fluxo dos afazeres domésticos e maior ascensão ao poder econômico. O mesmo autor discute esta questão tripartite, argumentando que, houve modificações profundas à mesa, pois “à mundialização⁴ [...] corta o vínculo entre o alimento e a natureza. Atingindo as funções sociais da cozinha, ela desconecta parcialmente o comedor⁵ de seu universo biocultural” (POULAIN, 2004, p. 50). Este distanciamento que a *idosa (61 anos)* relata, para Poulain (2004) é resultado da globalização, evidencia o quanto a indústria age nos meandros subliminares quanto ao consumo de alimentos, estimulando este comportamento como uma prática social aceitável e prazerosa.

Simultaneamente, a globalização modificou a valorização social das atividades domésticas e as indústrias alimentícias ganham destaque, com argumento criado no mundo comercial como a representação da cozinha familiar, “propondo produtos cada vez mais perto de seu estado de consumo, a indústria ataca a função socializadora da cozinha sem, no entanto, chegar a assumi-la” (POULAIN, 2004, p. 51). Ao se referir à questão da “representação da cozinha familiar”, este autor discute que a representação de algum produto industrial obrigatoriamente deve possuir um sentido simbólico ao sujeito que o consome, “assim, o alimento [...] visto pelo consumidor como ‘sem identidade’, sem qualidade simbólica, como ‘anônimo’, ‘sem alma’, não estimula o consumo” (POULAIN, 2004, p. 51).

Portanto, a própria indústria com o propósito de instigar vendas cria um sentido simbólico que geralmente é associado a um sentimento afetivo como a família. Contudo, as RS construídas durante a infância dos idosos sobre o “comer junto” ainda prevalecem, elas reconhecem as mudanças sociais dos tempos atuais, mas demonstram que o comer fora não simboliza o “comer junto”.

A idosa de (79 anos) refere-se ainda às mudanças de normas sociais à mesa.

E na casa de todo mundo que você fosse tinha sempre um café servido, feito na hora, um bolo, uma bolacha, alguma coisa, e tinha que comer na casa de todo mundo. [...]. Eu lembro que quando eu falava “ah mãe, veio não sei quem aqui em casa”, e ela “ah veio? Você ofereceu alguma coisa?”, “ai mãe, esqueci”, “nossa que vergonha, onde já se viu, vem aqui em casa e não oferece um café!” [...]. Eu gosto disso sabe, mas hoje eu prefiro sair pra tomar o café (risos).

Observam-se mudanças nas normas sociais; o café, que simboliza a comensalidade de se receber em casa, ganha uma nova ressignificação; há uma absorção das características sociais atuais, o ritual de receber alguém ou a ideia de socialização trazida pelo café, ato que pode ser realizado fora de casa e que, segundo a *participante acima*, esta norma é socialmente aceita nos dias atuais. Observou-se na trajetória de vida desta participante, que essa absorção das características sociais se vincula à sua história de vida também. O próprio meio social em que vive lhe traz como opção o comer fora, embora ao final da citação a mesma refira que a RS do café ainda permanece e ainda apresenta simbolismo de comensalidade.

4 Autor refere-se ao processo de globalização, considerando o aumento da produção e da distribuição de alimentos.

5 Nota de tradução: comedor é a palavra traduzida em francês *mangeur*, que representa, para a sociologia da alimentação atual, o homem que come (POULAIN, 2004, p. 20).

Mudanças relacionadas ao que se come também foram observadas *pela idosa de (69 anos)*:

As frutas que se compravam, eram [...], tangerina, banana, laranja, e as frutas que a gente hoje, já não vê mais. Era o ingá, era brejauva, era tucum na época do Natal, essa fruta era azeda, era uns cachinhos uns coquinhos azedos, mas era uma delícia, porque criança adora comer essas coisas, eu tinha meu cachinho. A brejauva é uma uva também, ela dá um cacho em uma palmeira, e ela é escura, marrom, e a casca é meio grossa como se fosse um pelo, uma camurça [...]. Aí a gente descascava, [...] partia e tinha um coquinho dentro como se fosse um coco verde. [...] tinha o jataí, tinha o [...] jambo [...]. De vez em quando tem uma senhora que vem da roça e vende no mercadão brejauva, mas hoje em dia eu não tenho nem interesse em comprar, engraçado né. Quando a gente é criança é a espera, eu esperava a época dessas frutas, coisa que hoje eu não tenho mais. (*Idosa 69 anos*).

Recentemente, o Ministério da Saúde brasileiro (2015) lançou a obra “Alimentos Regionais”. O livro mostra os alimentos tipicamente brasileiros e que estão em extinção, colocando em risco o patrimônio material da cultura alimentícia brasileira. De modo geral, a obra resgata os alimentos típicos de cada região do Brasil, justamente para contrapor a perda deste patrimônio, bem como propor preparações culinárias com os ingredientes tipicamente brasileiros, como forma de estímulo de produção e consumo de tais alimentos. Segundo Lody (2008), todas as nações possuem preparações que geralmente são compostas por produtos locais. Tal ação expressa a especificação de um grupo étnico. Um grupo social pode utilizar-se da comida como demonstração de pertencimento de uma sociedade. Essa conotação é tão importante que assume o mesmo valor simbólico do idioma em relação à identificação de um grupo. Para este autor, os diferentes grupos sociais sempre estão interligados com a comida.

O autor acima ainda acrescenta que este processo se baseia na autonomia e na diversidade com que seus integrantes articulam e expressam seus alimentos: “a identidade nasce no que há de próprio, peculiar, diferente em cada povo, região, cidade e estado” Lody (2008, p. 45). Mintz (2001, p. 31) corrobora com esta afirmativa, de que a autenticidade de um grupo social pode ser demonstrada ao comer; que “a maneira que se come: o quê, onde, como e com que frequência comemos, e como nos sentimos em relação à comida, [...] liga-se diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social”.

Afeto e afetividade

Observou-se neste estudo que a comida é um objeto social das relações humanas e representa a carga simbólica da afetividade. Para ilustrar essa afirmação, destaca-se uma história especial sobre a “caixinha de uva passas” que traz à tona o elo da comida como forma de carinho nas relações sociais.

Eu me lembro que tinha no mercadão onde hoje tem a banca da Ana da fruta, [...] vendia maçã, pera, uva, essas coisas [...] mais caras, e tinha uma caixinha de uva passa, era uma caixinha vermelha, tinha uma figura de uma moça e uma parreira de uva também, essa caixinha pequena, de uva passa, era o motivo de como se fala hoje [...] sonho de consumo (risos). [...], então a gente ganhava de vez em quando a caixinha. E eu me lembro que era uma coisa assim muito prazerosa você ganhar, então eu sempre ganhava uma e minha irmã outra, e [...] a gente comia assim uma por uma e guardava, fechava a caixinha, para durar uns dias...pelo menos para você ter aquele prazer de comer por mais tempo (risos), [...]. E foi tão interessante porque, encontrei um conhe-

cido [...] e estávamos conversando um dia, e ele falou assim, “ah, eu não sei se era do seu tempo as caixinhas de uva passa”, eu falei, “ah, era sim, era o meu sonho de consumo” [...].E eu não sei aonde eu fui um dia, eu encontrei a caixinha, ainda comprei e ainda dei para ele [...] e ele ligou para mim, “Natalia, você achou!!” Falei “é seu Armando”. [...] também era sonho de consumo. Mas era muito... A gente tinha essas coisas assim, que eu acho que faz falta. Lembrar a infância com muita... não é saudade, mas a lembrança boa, de um tempo bom, de uma coisa que você aprendeu a viver, hoje tudo o que eu sou como pessoa, como profissional foi essa época que foi moldado. (*Idosa 69 anos*).

Mas então, o que me chama atenção é que representa a união das pessoas, não só da família, mas das pessoas. É uma maneira boa de você estar com todo mundo, é prazeroso você estar lá comendo, todo mundo, eu acho que é isso. (*Idosa 65 anos*).

A caixinha de uva passa simboliza o carinho da infância, algo que remete às lembranças carregadas de valores afetivos que estimularam a atitude da participante acima em doar carinho ao amigo. Neste caso, a caixinha de uva passa leva a doação do amor, da fraternidade, do respeito ao próximo, e a importância destes sentimentos na formação humana da idosa de (69 anos), todos estes sentimentos estavam dentro da singela caixinha de uvas passas.

Para Amon (2014), a comida pode ser aquela que conforta, que presenteia a vida nas mais singelas atitudes. O que se apreende nesta classe enquadra-se na perspectiva da autora citada; as RS sobre a comida na infância para estes idosos estão relacionadas ao afeto e as relações familiares e sociais, porém os sujeitos pesquisados percebem mudanças nas normas sociais e ao que se come, com quem se come, e o que se come. Entretanto, este novo quadro social ainda não foi suficiente para modificar as RS sobre a comida na infância. Observa-se que a afetividade⁶ em torno da comida e dos conteúdos que a cercam contribuiu para que esta não perdesse sua função social entre os indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que ao explorar o objeto social da presente pesquisa, a comida, foi possível revelar comportamentos sociais, crenças e valores de idosos investigados, sob o prisma de suas próprias opiniões em comparação ao tempo passado e ao presente.

Sobre as transformações sociais muitas são as situações em que os idosos percebem modificações sociais quanto ao seu tempo de infância em relação ao presente. De uma forma geral os idosos constataram modificações nos valores, e até mesmo os tipos de alimentos consumidos. Contudo, observa-se que as RS sobre a comida na infância trazem à tona o simbolismo do comer junto, de estreitar os relacionamentos interpessoais e da comida como expressão de afeto. Para estes idosos a afetividade se configurou de várias formas, como o prazer da ingestão da comida, de receber alguém ou ser recebido com a comida ao redor, e o sentido de demonstrar o afeto nas relações sociais.

⁶ Para estes idosos, a afetividade se configura de várias formas, como o prazer da ingestão da comida, do comer junto e o sentido de presentear alguém com comida.

REFERÊNCIAS

- AMON, D. **Psicologia Social da Comida Petrópolis**, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: 70 ed. LDA, 2011.
- BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Tradução: MEDEIROS, C. A., 2 ed Revisada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Alimentos Regionais**. 2 ed. Brasília/DF, 2015.
- _____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia Alimentar para a População Brasileira**. 2 ed. Brasília/DF, 2014.
- CAMPOS, C. J. G. Método de Análise do Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, set./out., 2004.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2008.
- DAMATTA, R. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. **O correio da Unesco**. Rio de Janeiro: 1987, p. 22-23.
- JOVCHELOVICH, S. **Os contextos do saber: representações, comunidades e cultura**. Tradução: Pedrinho Guareschi. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LODY, R. **Brasil bom de boca: temas da antropologia da alimentação**. São Paulo: SENAC, 2008.
- MINTZ, S. W. Comida e antropologia uma breve revisão. **Revista Brasileira Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, outubro de 2001.
- MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. 2005.
- PAPALÉO NETTO, M. O Estudo da Velhice: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos In: FREITAS, E. V. et al. **Tra-tado de Geriatria e Gerontologia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.
- SANTOS, C. R. A. Uma viagem por sabores mestiços. In: LODY, R. **Brasil bom de boca Temas de antropologia social**. São Paulo, SENAC, 2008.